

## TERRITÓRIO E FOTOGRAFIA: UMA PESQUISA-AÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL COM JOVENS

Territory and photography: an action research in occupational therapy with young people

Territorio y fotografía: una investigación acción en terapia ocupacional con jóvenes

**Danielle Rodrigues Borges**

<https://orcid.org/0009-0007-3716-6919>

Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Terapia Ocupacional, Vitória, ES, Brasil.

**Monica Villaça Gonçalves**

<https://orcid.org/0000-0002-8090-9884>

Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Terapia Ocupacional, Vitória, ES, Brasil.

**Diego Eugênio Roquette Godoy Almeida**

<https://orcid.org/0000-0001-6408-474X>

Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Terapia Ocupacional, Vitória, ES, Brasil.

**Giovanna Bardi**

<https://orcid.org/0000-0003-4711-3814>

Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Terapia Ocupacional, Vitória, ES, Brasil.

**Resumo: Introdução:** A interface entre arte, cultura e terapia ocupacional já tem sido registrada na literatura da área, incluindo várias produções científicas que tratam especificamente sobre as juventudes. Este artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa realizada na cidade de Vitória, ES, e tem como objetivo analisar como as atividades artísticas e culturais utilizadas no estudo contribuíram para a compreensão e possíveis transformações do/no cotidiano dos jovens no território em que vivem. **Método:** Foi realizada uma pesquisa-ação que utilizou oficinas de atividades e fotovoz como formas de produção de dados. Participaram três jovens frequentadoras de um Centro de Referência da Juventude. O material produzido durante a pesquisa foi apresentado em uma exposição fotográfica em um museu da cidade durante um festival. **Resultados:** As jovens circulam por diferentes territórios, apesar de sofrerem discriminação por serem moradoras de periferia e de possuírem limitações referentes à mobilidade urbana devido à ineficiência do transporte público e à escassez de recursos financeiros. A exposição fotográfica proporcionou elementos para modificação do status quo das jovens periféricas. **Discussão:** Os dados permitem discutir dois pontos a respeito da utilização das atividades artísticas e culturais na pesquisa e na prática em terapia ocupacional: (1) Atividades artísticas e culturais para conhecer o cotidiano e o território em que vivem; e (2) Atividades artísticas e culturais para transformar o cotidiano. **Conclusão:** A pesquisa apontou a potencialidade das atividades artísticas e culturais para a produção de dados em estudos qualitativos na terapia ocupacional, especialmente em pesquisas-ação comprometidas com os sujeitos participantes e a sociedade.

**Palavras-chave:** Terapia Ocupacional. Juventude. Fotografia. Território. Cultura.

**Abstract: Introduction:** The intersection of art, culture, and occupational therapy has been well documented in the field's literature, including various scientific productions that specifically address youth. This article presents part of the results of a research conducted in the city of Vitória, ES, aiming to analyze how the artistic and cultural activities used in the study contributed to the understanding and possible transformations of the daily lives of young people in the territory where they live. **Method:** An action research was conducted using activity workshops and photovoice as forms of data production. Three young women who attended a Youth Reference Center participated in the study. The material produced during the research was presented in a photographic exhibition at a city museum during a festival. **Results:** Young people move through different territories despite facing discrimination for living in the outskirts and having limitations related to urban mobility due to the inefficiency of public transportation and the scarcity of financial resources. The photo exhibition provided elements to modify the status quo of peripheral youth. **Discussion:** The data allow for a discussion on two points regarding the use of artistic and cultural activities in research and practice in occupational therapy: (1) Artistic and cultural activities to understand the everyday life and territory in which they live; and (2) Artistic and cultural activities to transform everyday life. **Conclusion:** The research highlighted the potential of artistic and cultural activities for data production in qualitative studies in occupational therapy, especially in action research committed to the participating subjects and society.

**Keywords:** Occupational therapy. Youth. Photography. Territory. Culture.

**Resumen: Introducción:** La interfaz entre arte, cultura y terapia ocupacional ya ha sido registrada en la literatura del área, incluyendo varias producciones científicas que tratan específicamente sobre las juventudes. Este artículo presenta parte de los resultados de una investigación realizada en la ciudad de Vitória, ES, y tiene como objetivo analizar cómo las actividades artísticas y culturales utilizadas en el estudio contribuyeron a la comprensión y posibles transformaciones del cotidiano de los jóvenes en el territorio en que viven. **Método:** Se realizó una investigación-acción que utilizó talleres de actividades y fotovoz como formas de producción de datos. Participaron tres jóvenes que frecuentan un Centro de Referencia de la Juventud. El material producido durante la investigación fue presentado en una exposición fotográfica en un museo de la ciudad durante un festival. **Resultados:** Las jóvenes circulan por diferentes territorios a pesar de sufrir discriminación por ser habitantes de la periferia y tener limitaciones relacionadas con la movilidad urbana debido a la ineficiencia del transporte público y la escasez de recursos financieros. La exposición fotográfica proporcionó elementos para modificar el statu quo de los jóvenes periféricos. **Discusión:** Los datos permiten discutir dos puntos respecto a la utilización de las actividades artísticas y culturales en la investigación y en la práctica en terapia ocupacional: (1) Actividades artísticas y culturales para conocer el cotidiano y el territorio en que viven; y (2) Actividades artísticas y culturales para transformar el cotidiano. **Conclusión:** La investigación señaló el potencial de las actividades artísticas y culturales para la producción de datos en estudios cualitativos en terapia ocupacional, especialmente en investigaciones-acción comprometidas con los sujetos participantes y la sociedad.

**Palabras-clave:** Terapia ocupacional. Juventud. Fotografía. Territorio. Cultura.

### Como citar:

Borges, D. R; Gonçalves, M. V; Almeida, D. E. R. G; Bardi, G; (2025). Território e fotografia: uma pesquisa-ação em terapia ocupacional com jovens. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 9(1):3017-3039. DOI 10.47222/2526-3544.rbto64331

## Introdução

A interface arte, cultura e terapia ocupacional tem sido registrada na literatura da área em seus diferentes campos de atuação, tanto em práticas de ensino quanto na atuação profissional.

Estudos mostram a relação entre as artes e a cultura com as práticas territoriais da profissão, em especial, com o objetivo de promover a participação social de populações historicamente estigmatizadas e vulneráveis (Galvani et al., 2016). Entre essas populações, encontramos diversos relatos de ações com jovens (Silva et al., 2016; Vieira Filho, Gonçalves & Takeiti, 2020). Para as juventudes, as atividades artísticas e culturais são formas de expressão individuais e coletivas e tem potencial transformador e possibilitam novas formas de existir e resistir às adversidades da vida contemporânea.

Silva & Barros (2010) afirmam que pesquisas utilizando histórias de vida têm sido frequentes na terapia ocupacional. Os autores consideram que esse panorama pode revelar uma “preocupação constante em contextualizar, cultural e socialmente, as pessoas, grupos e suas práticas” (p. 69). Contudo, ainda são poucos os estudos sobre os modos de vida juvenis a partir de seu local de moradia, incluindo dimensões do cotidiano, tais como escola, trabalho, lazer, fruição cultural e sociabilidade, e relacionando-as ao território em que vivem (Sposito, 2009).

Neste sentido, este artigo apresenta um recorte de uma pesquisa<sup>1</sup> mais ampla, cujo objetivo foi compreender as percepções de jovens em vulnerabilidade social frequentadoras de serviços socioassistenciais da região da Grande Vitória, sobre a cidade e o território em que vivem. Aqui, especificamente, analisaremos como as atividades artísticas e culturais utilizadas na pesquisa contribuíram para a compreensão e possíveis transformações do/no cotidiano dos jovens no território em que vivem.

## Métodos

Trata-se de uma pesquisa-ação que utilizou oficinas de atividades (Lopes et al., 2014) como uma metodologia participativa para a produção de dados, buscando um processo educativo focado na transformação social e na formação política, processo que busca estabelecer uma relação de igualdade entre pesquisador e pesquisado, considerados sujeitos ativos na investigação (Brandão & Borges, 2007).

Nas oficinas, utilizou-se o recurso artístico da fotografia associada à metodologia visual conhecida como fotovoz, estimulando a participação juvenil na etapa de produção de dados. Esse método permite que, por meio das fotografias, os participantes sejam protagonistas da ação, reflitam e analisem criticamente sua realidade e cotidiano, podendo identificar soluções para problemas vivenciados e pensar em proposição de ações para mudar essa realidade (Hartman et al., 2011).

As fotografias funcionam como uma poderosa expressão cultural, capturando e comunicando a complexidade das experiências humanas e das identidades coletivas. Elas transcendem a mera documentação visual, atuando como uma forma de narrativa que articula significados sociais, históricos

---

<sup>1</sup> Juventudes e o Direito à Cidade: Olhares a partir de crianças e jovens da região metropolitana de Vitória (ES)”, desenvolvida pelo Laboratório Metuia/UFES - Terapia Ocupacional Social, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES) - edital 14/2022, Termo de Outorga nº 963/2022.

e pessoais. Bourdieu (1990) argumenta que a prática fotográfica está intrinsecamente ligada às estruturas sociais e culturais, refletindo e reproduzindo as dinâmicas de poder e as relações simbólicas dentro de uma sociedade. Desta forma, a fotografia contribui para a construção e a compreensão de identidades culturais e sociais.

Compreende-se que a escolha deste método permite que a atividade realizada seja uma mediadora “do trabalho de aproximação, acompanhamento, apreensão das demandas e fortalecimento dos sujeitos, individuais e coletivos, para os quais direciona sua ação” (Lopes et al., 2011, p. 282). Neste caso, ressalta-se a conjunção entre pesquisa e prática social transformadora, confirmando o compromisso ético e político da universidade pública com a sociedade, pois, apoiadas nas ideias de Paulo Freire, acreditamos que a metodologia proposta favorece a consciência crítica das relações dos sujeitos frente ao contexto histórico-social (Freire, 1987). A conscientização implica em um compromisso com o mundo e com nós mesmos. Com isso, os sujeitos assumem uma posição utópica, no sentido de possibilitar um planejamento de um futuro ancorado no agora, desencadeado pela reflexão acerca das possibilidades de mudanças e pela práxis transformadora. E, conforme já destacado, acreditamos no papel da arte e da cultura para essa transformação (Alves, Oliveira & Chaves, 2016; Inforsato et al., 2019; Takeiti & Gonçalves, 2021; Takeiti & Vincentin, 2016).

### ***Campo e Participantes***

A pesquisa foi realizada em uma parceria com um Centro de Referência da Juventude (CRJ), localizado em uma cidade de porte médio, capital de um estado na região sudeste. Os CRJs foram criados para garantir os direitos humanos e atender às necessidades das juventudes no estado do Espírito Santo, através de uma parceria entre o Governo do Estado, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e Organizações da Sociedade Civil (OSC). Para tanto, desenvolvem ações voltadas para promoção do acesso ao lazer, cultura, desporto, cidadania, educação, pensamento crítico e inserção no mercado de trabalho. Os CRJs se colocam como espaços de convivência, aprendizagem, profissionalização, e fortalecimento de vínculos, com atenção especial às juventudes negra, LGBTQIA+ e jovens egressos do sistema socioeducativo (Governo do Estado do Espírito Santo, 2022).

Os CRJs se localizam em territórios socialmente vulnerabilizados e com uma população juvenil elevada. A região onde se deu a pesquisa, em específico, foi povoada no final da década de 70, diante do declínio do setor cafeeiro e a adoção de políticas locais de incentivos à industrialização, o que levou à migração da população da área rural para a capital. Com o crescimento desassistido da população, a área que anteriormente era o depósito de lixo foi aterrado e virou local de moradia, caracterizando-se, portanto, como um assentamento em área de manguezal sobre palafitas e lixo (Siqueira, 2001). Ressalta-se o estigma social desse território, que já foi cenário de um documentário chamado “Lugar de Toda Pobreza” de 1983.

As participantes foram convidadas a participar da pesquisa a partir da articulação entre a equipe pesquisadora e a terapeuta ocupacional do CRJ, que fez o contato com algumas jovens que demonstraram interesse por fotografias em uma oficina desenvolvida no serviço. Elas foram convidadas para um encontro a fim de apresentar o propósito da pesquisa e esclarecer eventuais dúvidas. Três jovens aceitaram participar, conforme quadro abaixo:

**Quadro 1** – Participantes da pesquisa

<b>Nome*</b>	<b>Idade</b>	<b>Gênero</b>	<b>Raça/etnia</b>
Laís	17 anos	Feminino	Preta
Camila	15 anos	Feminino	Preta
Estrela	14 anos	Feminino	Parda

\*Foram usados nomes fictícios para preservar a identidade dos participantes

**Fonte:** Elaboração dos autores

A produção de dados aconteceu através de seis encontros, entre a pesquisadora, a terapeuta ocupacional do serviço e as jovens participantes, de setembro a dezembro de 2023, que culminaram em uma exposição fotográfica em um museu, conforme quadro abaixo:

**Quadro 2** – Atividades realizadas para a produção de dados da pesquisa

<b>Data</b>	<b>Atividade realizada</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Participantes</b>
30/09/2023	Apresentação do projeto e oficina de atividades	Apresentar o projeto para as jovens Elaborar o cronograma de acompanhamentos territoriais Realizar o mapa territorial	Laís (17 anos) Camila (15 anos) Estrela (14 anos)
07/10/2023	Fotovoz no território 1: Ida a lugares fora do território	Visitar os lugares mais frequentados pelas jovens fora do seu território e fazer registros fotográficos	Laís (17 anos) Camila (15 anos) Estrela (14 anos)
11/11/2023	Fotovoz no território 2: Caminhada pelo território para visita aos lugares demarcados no mapa	Visitar os lugares frequentados pelas jovens em seu território e fazer registros fotográficos	Camila (15 anos) Estrela (14 anos)
18/11/2023	Primeira seleção de fotos para exposição e escolhas de ícones representativos para o mapa	Fazer a primeira triagem das fotos tiradas pelas jovens, separando fotos para a exposição e que gostariam de guardar. Além de separar ícones representativos de alguns estabelecimentos, como supermercados para colocar no mapa	Laís (17 anos) Camila (15 anos) Estrela (14 anos)
25/11/2023	Colagem das fotos instantâneas no mapa e seleção final das fotos para exposição	Organizar as fotos reveladas na câmera instantânea no mapa territorial e fazer a seleção final das fotos para a exposição no Museu Capixaba do Negro	Laís (17 anos) Estrela (14 anos)
08/12/2023	Fotovoz no território 3: Ida ao território para mais registros com a câmera instantânea	Revisitar os lugares frequentados pelas jovens no território para ter mais registros com a câmera instantânea	Laís (17 anos) Camila (15 anos) Estrela (14 anos)

15/12/2023	Exposição das fotografias	Exposição das fotos e do mapa territorial produzido pelas jovens no Festival Itinerante promovido pelo CRJ no Museu Capixaba do Negro - Mucane.	Laís (17 anos) Camila (15 anos) Estrela (14 anos)
------------	---------------------------	---	---

**Fonte:** Elaboração dos autores

Todas as atividades foram registradas por meio de fotografias e do diário de campo da estudante pesquisadora, e foram analisadas a partir de uma perspectiva compreensiva da realidade, que depende das relações que os sujeitos identificam entre os elementos, o que determina o julgamento que o sujeito faz em relação à pertinência que ele atribui aos elementos eleitos (Bourdieu & Wacquant, 1992).

### **Questões éticas:**

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) pelo parecer número 5.697.009. Todos os procedimentos éticos foram considerados.

### **Resultados**

No primeiro encontro, foi proposta uma oficina de atividades com objetivo de realizar um mapeamento territorial, isto é, uma demonstração, de forma ilustrativa, dos locais que as jovens mais frequentam em seu território. A partir disso, foi elaborado conjuntamente um cronograma dos acompanhamentos.

Para a execução do mapa territorial, foi projetado o mapa do território onde elas moravam e se localizava o CRJ em uma parede coberta por papel *kraft*. Nesta projeção, elas puderam desenhar o mapa e fazer marcações de acordo com os lugares que lhes interessavam. Destaca-se que as jovens ficaram impressionadas com o tamanho de alguns bairros, pois não tinham a percepção da proporção geográfica de seu território.

No mapa, as jovens escolheram demarcar cada bairro que compõe a região com uma cor diferente, e por meio de pontos delimitaram os locais que mais frequentam, sendo eles o próprio CRJ, um parque municipal, um centro de arte e esportes, a orla da região onde se localizam vários restaurantes, uma praça e três quadras esportivas.

Além disso, as participantes representaram no mapa lugares que frequentam, ainda que fora do território onde moram, como um shopping, um parque botânico e outro parque da cidade e duas praias. Importante dizer que todos esses lugares ficam no lado oposto da cidade. Elas relataram que as praias são os lugares mais frequentados por elas por conseguirem ir de ônibus, embora o transporte coletivo esteja sempre cheio e passe com menor frequência aos finais de semana.



**Figura 1:** Montagem com fotos da primeira oficina de atividade.  
**Fonte:** Acervo do Laboratório Metuia - UFES.

Ao final da oficina de atividades ficou acordado que a oficina seguinte seria dedicada à realização do fotovoz nos lugares que ficam fora do território do CRJ. O serviço se responsabilizou pelo transporte e foi solicitado que as jovens fossem com roupas leves e confortáveis e que levassem garrafas de água.

O segundo encontro partiu do CRJ, e além das três jovens e das pesquisadoras estiveram presentes a terapeuta ocupacional e a educadora social. O deslocamento foi por carros particulares que o serviço providenciou. Iniciou-se o fotovoz em um parque botânico, localizado em um bairro de classe média. Trata-se de um local que recebe muitos passeios de escolas e oferece atividades gratuitas. Elas relataram que não costumavam ir com tanta frequência ao parque, somente quando eram mais novas e iam acompanhadas de seus pais. Ressalta-se que o acesso ao parque de transporte público não é fácil, pois os ônibus não possuem ponto de parada próximo ao local.

No parque, foi escolhido um lugar à sombra onde se realizou um piquenique e as jovens foram instruídas a respeito do uso das câmeras fotográficas e do tablet para as fotografias. Foram dadas dicas sobre luminosidade, foco, zoom e modos de fotografia que as câmeras semiprofissionais possuem. No início, as jovens estavam um pouco tímidas. Então, foi perguntado a elas o que mais gostavam de fotografar no seu dia a dia, ao que responderam ser paisagens. Explicou-se para elas que a proposta do fotovoz era que elas fotografassem lugares que tem significados e sentidos para elas, portanto também poderiam ser registrados lugares e pessoas.

Elas percorreram o parque, tirando fotos das pessoas, flores, animais e objetos, bem como delas mesmas. Em dado momento, perceberam olhares diferentes direcionados para elas, o que inferiram ser "devido as suas roupas e jeito de falar". Uma das jovens disse que "preferia estar no [nome do bairro onde morava] porque lá a gente pode ser como a gente é".

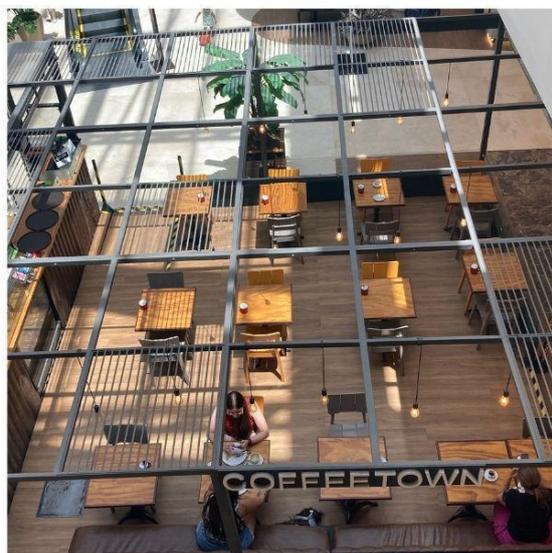
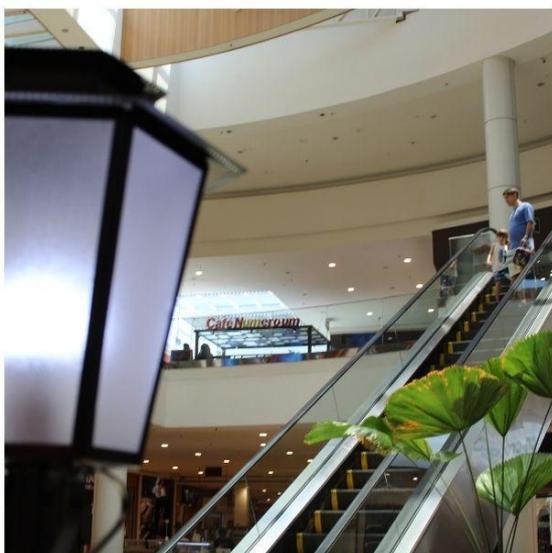
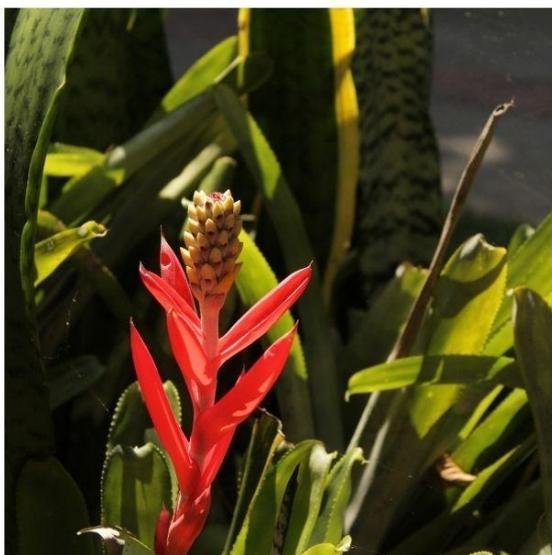
Saindo do parque, o próximo ponto foi um shopping center. Durante o percurso, as jovens fizeram outros registros fotográficos, até que um segurança se aproximou dizendo, com um tom de voz grosseiro, que era proibido fotografar dentro do shopping. Percebendo a situação, a pesquisadora se aproximou do segurança e este mudou sua postura, perguntando, de forma educada, se ela era responsável pela jovem e se tinham autorização para fotografar, pois para isso, era preciso solicitar a aprovação na administração do shopping, devido ao uso de câmeras profissionais.

Após o episódio, foi pedido para que as jovens não fotografassem com as câmeras, o que foi questionado por elas, já que o uso das câmeras de telefone celular era permitido. Assim, ficou acordado que elas tirariam as fotos com os celulares e desse modo, fizeram alguns registros da praça de alimentação, da livraria e do cinema que costumam ir com bastante frequência. As jovens relataram que costumam ir ao shopping após a escola só para ficar andando ou sentadas "batendo papo". Quando elas têm dinheiro, compram um lanche e vão ao cinema.

Devido ao constrangimento, as jovens não se sentiram à vontade para continuar com as fotos. A passagem pelo shopping durou apenas 20 minutos, quando elas pediram para ir para o próximo e último local, que era uma praia, localizada em uma ilha nas proximidades. Esta ilha-bairro nobre, de classe média alta, só é possível de ser acessada por meio de carro ou a pé. Na única entrada, há um posto policial que funciona 24 horas.

Já na elaboração do mapa territorial, as jovens disseram que muitas vezes se sentem coagidas, sentindo-se "pobres e humilhadas" por estarem frequentando aquela praia. Apesar disso, elas gostam de ir a essa praia por ser mais tranquila e não ficar muito cheia durante a temporada.

Durante o caminho até a praia, as jovens mencionaram que sempre se imaginavam morando naquele bairro, atentas à arquitetura das mansões. Já na praia, elas fotografaram a paisagem, alguns cachorros que estavam com os seus tutores, como também aproveitaram para tomar banho de mar, se bronzear e posar de diferentes maneiras para as câmeras.



**Figura 2:** Montagem com fotos do segundo encontro "Fotovoz no território".  
**Fonte:** Acervo do Laboratório Metuia - UFES.

Na semana seguinte estava prevista a realização do fotovoz no território de moradia das jovens. Porém, esse encontro precisou ser remarcado duas vezes e só ocorreu após um mês, devido aos conflitos que estavam acontecendo na região, relacionados à disputa de duas facções. Tal situação faz parte do cotidiano das jovens participantes no território. Elas mesmas relatam a constante presença policial no local e conhecerem alguns jovens que estão diretamente envolvidos nos conflitos.

No terceiro encontro, as jovens apresentaram o território próximo ao CRJ, onde elas moravam. Elas demonstraram estar mais à vontade para compartilhar seus gostos e interesses com as pesquisadoras. Neste encontro, Laís não pode comparecer e por isso somente Camila e Estrela participaram. Era previsto que fossemos em cada lugar que elas demarcaram no mapa no primeiro encontro, e que as imagens pudessem ser registradas com duas câmeras: a semiprofissional para revelação posterior, e uma câmera instantânea para já ter em mãos as imagens e utilizá-las no mapa que estava guardado no CRJ.

O primeiro lugar registrado foi o próprio CRJ, que é um lugar extremamente significativo para elas. Lá elas costumavam passar parte do tempo livre, fazer novas amizades e descobrir novos interesses, como a poesia. Elas relatam que o CRJ “as acolheu como elas são” sem julgamentos, e propiciaram oportunidades, como por exemplo o primeiro emprego.

O próximo local foi um parque que elas relataram não frequentar, embora guardassem boas memórias de infância de lá, quando iam brincar com familiares e amigos. No entanto, é um lugar bastante frequentado pela jovem que não pode estar presente, pois ela tem o costume de jogar futebol e voleibol em várias quadras do território como a do parque. Ainda mencionam um incômodo com o cheiro do parque devido ao esgoto que é jogado ao redor, sobre o qual não é tomada nenhuma providência por parte da prefeitura da cidade.

Outro ponto foi um centro de arte e esportes, onde elas relatam frequentar para utilizar a quadra e a pista de skate, e ainda para os encontros da batalha de *slam*<sup>2</sup>. É importante ressaltar que o grupo do *slam* se formou a partir de uma oficina de escrita criativa que acontecia no CRJ. Além disso, apesar da timidez, foi por meio das poesias que elas foram aprendendo a se expressar melhor.

Um local que não havia sido mencionado anteriormente, mas neste dia as jovens se lembraram, foi a igreja católica que fica em um ponto alto da região, onde elas relataram ir aos finais da tarde para ver o pôr do sol, comer biscoitos com refrigerante e ficar conversando até a noite com os amigos. No entanto, no momento elas não realizam mais essa atividade devido à frequência de ações policiais no local em busca de usuários ou comerciantes de substâncias ilícitas.

Como a igreja fica em um ponto um pouco mais alto, é possível ver a maré e o manguezal que ficam às margens do território, sendo pontos turísticos de referência para a gastronomia por conta dos pratos típicos que são vendidos à beira do mar. Contudo, as jovens relatam que os moradores do território não têm o costume de frequentar, tanto pelo sabor e quanto pelo valor, que é alto. Relatam ainda que as

---

<sup>2</sup> Os slams são práticas ligadas à cultura hip-hop. Trata-se de competições de poesias faladas, na qual vários jovens se reúnem em frente a um para recitar poesias em um tempo limitado. Há jurados para dar a nota, tendo várias fases até chegar a um campeão do dia. Atualmente são bastante difundidos no Brasil, em especial nas favelas e periferias (D’Alva, 2014).

obras realizadas pelo governo municipal na região devem valorizar o local e aumentar os valores dos pratos vendidos pelos restaurantes, distanciando ainda mais os moradores do pólo gastronômico situado em seu próprio território. Elas compreendem a necessidade da realização das obras de melhoria, mas questionam que elas estão impedindo a população de circular no lugar, além de ter ocorrido uma contaminação na maré que não havia anteriormente, em um local que os moradores costumavam nadar.

A praça fica próximo aos restaurantes e é denominada "praça morta", porque, por muito tempo, ninguém a frequentava devido à violência e ao tráfico de drogas. Elas relatam que os jovens moradores da região começaram a frequentar a praça para participar das batalhas de rimas e *slam*, ressignificando o nome da praça. No entanto, devido às obras, ela voltou a se tornar vazia.

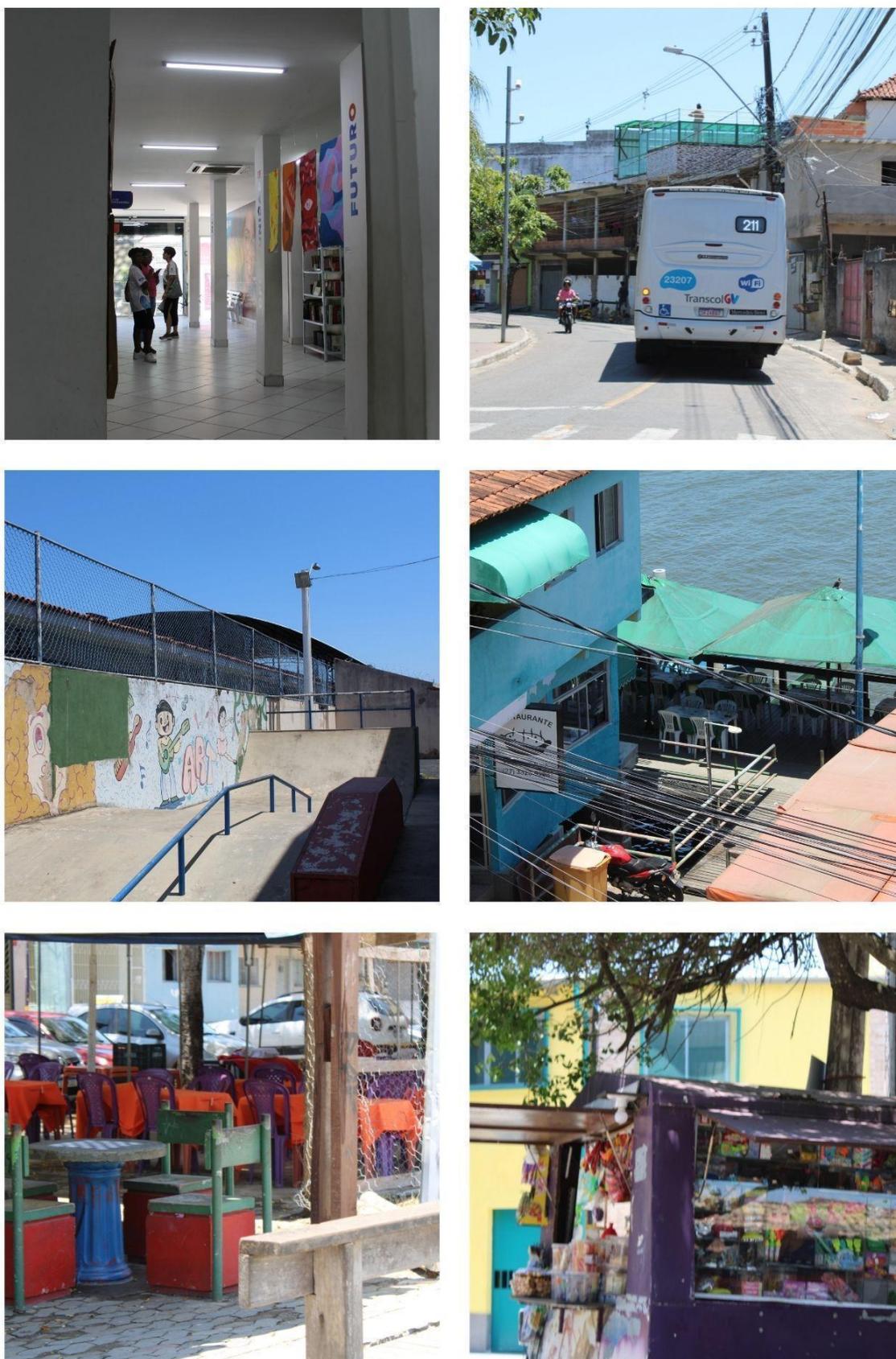
O último local do acompanhamento territorial foi em uma das quadras que elas citaram, que é o ponto central de festividades do território, além de campeonatos de futebol. As jovens relatam ir a esse lugar somente quando há festas da comunidade para dançar forró e encontrar com os amigos. Porém, perto dali, fica a barraca que vende os biscoitos e refrigerantes que elas sempre compram a um preço acessível no caminho de volta para a casa, e que quiseram registrar com as fotos.

É preciso apontar que os lugares são relativamente próximos um do outro, e que as jovens relataram que costumavam fazer esse percurso a pé. Enquanto caminhávamos, passamos por alguns lugares que já foram significativos para elas, como a escola em que estudaram quando eram mais novas e conheceram alguns dos seus amigos e como também a escola atual de uma delas, que apesar de ser um lugar onde ela passa boa parte de seu tempo, não possui uma boa relação com a instituição devido à intercorrências que não quis relatar.

Em uma parte do percurso é possível perceber que existe acesso ao transporte coletivo municipal, que sempre foi alvo de reclamações por parte das jovens, por estarem sempre cheios e terem um tempo muito espaçado de circulação, o que piora aos finais de semana com a diminuição da frota.

Ademais, as jovens quiseram registrar o seu caminho durante o acompanhamento territorial, tirando fotos de detalhes que por vezes passam despercebidos no cotidiano.

Ao final do encontro, a terapeuta ocupacional propôs uma exposição de suas fotografias em um evento que é semestralmente produzido pelo CRJ para apresentar os resultados de suas atividades à população da cidade, e que na ocasião seria no Museu Capixaba do Negro - Mucane. localizado no centro da cidade. As jovens ficaram muito animadas e combinamos de nos próximos encontros, organizar as fotos e o mapa territorial para a exposição.



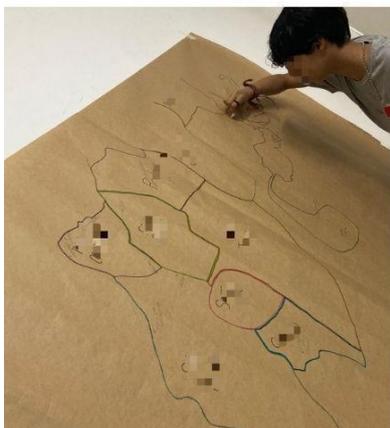
**Figura 3:** Montagem com fotos do terceiro encontro "Fotovoz no território".

**Fonte:** Acervo do Laboratório Metuia - UFES.

Após, foi realizada a seleção do material. As jovens tinham que escolher as fotos para a exposição a partir do material produzido durante os encontros, o que não foi fácil e foi preciso auxiliá-las no processo. Ao revisar as fotos, as jovens lembraram momentos importantes e falaram que estavam animadas

para a exposição, principalmente porque algumas delas não conheciam o museu em que se realizaria o evento, que é uma referência da cidade em relação às expressões culturais afro-brasileiras. Outra tarefa era escolher o título da exposição e fazer colagens com as fotos da câmera instantânea no mapa que haviam desenhado, o que as fez perceber que não haviam tirado foto de alguns lugares com essa câmera, e por isso foi combinada uma data para visitar os lugares do território.

No encontro seguinte, as jovens fizeram a seleção final das fotos que seriam reveladas para a exposição e alguns ajustes estéticos no mapa, como o corte do papel pardo, escreveram os nomes dos bairros que estavam faltando e passaram a caneta hidrográfica nas palavras que só estavam escritas a mão. No último encontro antes da exposição, retornamos ao território mais uma vez para realizar as fotos instantâneas dos locais que estavam faltando, e o mapa fotográfico territorial foi finalizado. A equipe do CRJ produziu um mural de madeirite para expor o mapa e as fotografias, e também foi impresso um banner com o nome do evento e da exposição.

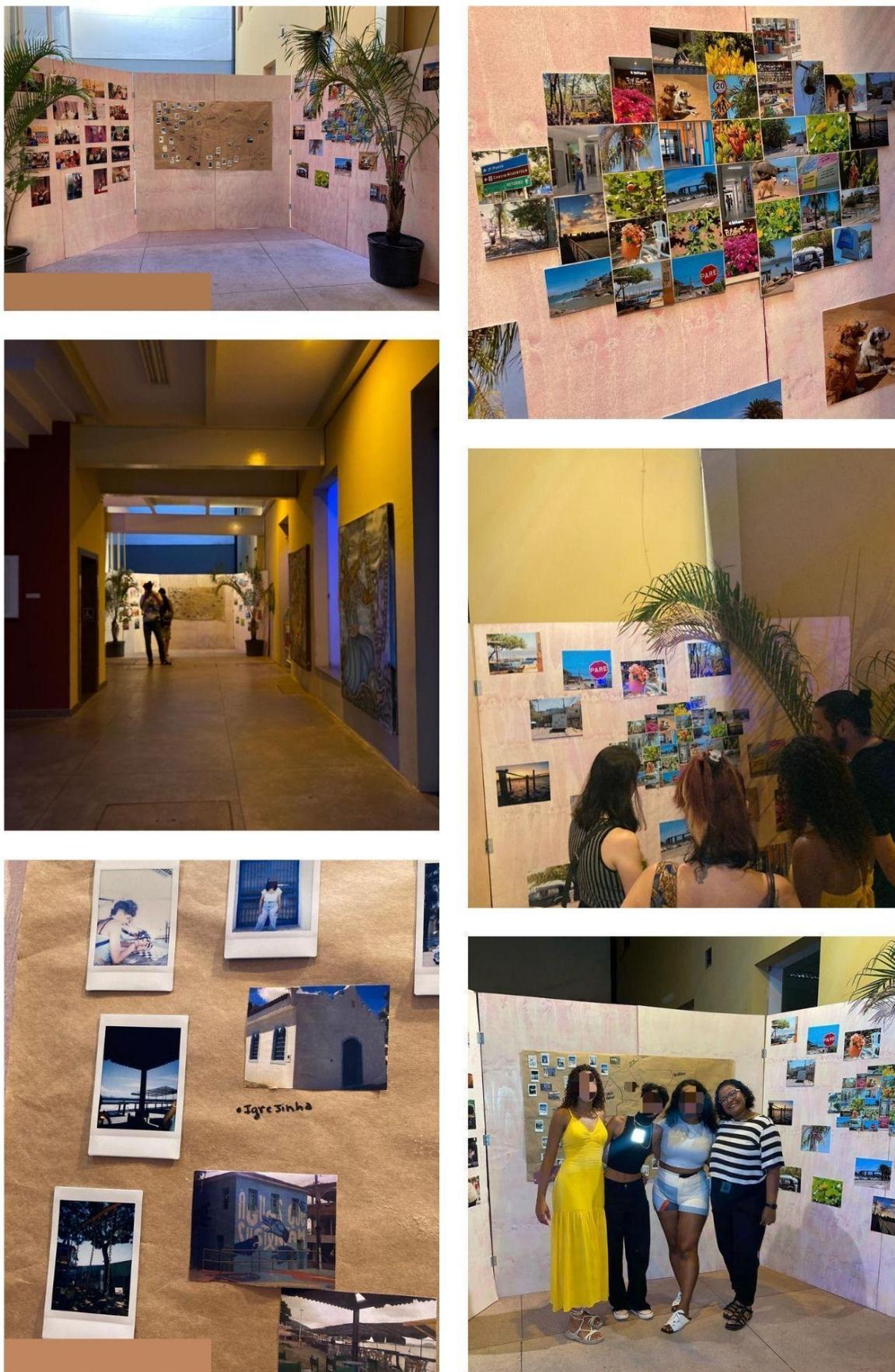


**Figura 4:** Montagem com fotos das oficinas de preparação para a exposição  
**Fonte:** Acervo do Laboratório Metuia - UFES.

No dia exposição, a equipe do CRJ, as jovens e as pesquisadoras foram mais cedo ao local para finalizar o mural. Estrela chegou primeiro e disse que estava animada, mas muito ansiosa, e que também iria recitar uma poesia no sarau. Camila e Laís chegaram depois e ficaram felizes com o resultado das fotos

reveladas. Elas mostraram para os seus amigos e tiraram várias fotos da exposição. Era o último dia do festival e a programação previa várias apresentações culturais de dança e arte, sendo que a Laís era uma das apresentadoras do evento, junto com outros jovens do CRJ.

A exposição não mostrou só o resultado de todo o processo da pesquisa com as jovens, mas também trouxe à tona outros talentos e desejos delas. Estrela, por exemplo, manifestou o desejo de trabalhar com fotografia e artes visuais. Elas relataram que puderam ter novas experiências e perceber o seu território de um ângulo diferente daquele que as perpassa no cotidiano. Finalizar o processo com uma exposição em um local de referência para a cultura afro-brasileira, onde as três jovens pretas e pardas foram reconhecidas como artistas, demonstrou que os objetivos da pesquisa e das práticas em parceria com o CRJ, foram atingidos.



**Figura 5:** Montagem com fotos da exposição realizada no "Museu Capixaba do Negro – Mucane.

**Fonte:** Acervo do Laboratório Metuia - UFES.

## Discussão

### ***Atividades artísticas e culturais para conhecer o cotidiano e o território em que vivem***

Olhar para o cotidiano das jovens com as quais escolheu-se trabalhar neste projeto faz sentido ao revisitar as palavras de Sposito & Tarabola (2017), que afirmam que “Na difração de raios com menor intensidade de luz – as práticas cotidianas e submersas – pode residir um grande desafio para a pesquisa, um caminho possível dentre tantos outros” (p. 18).

Compreendendo o objetivo da pesquisa, percebeu-se a necessidade de se destacar as histórias e narrativas das jovens participantes. Propôs-se, então, a utilização de atividades artísticas e culturais como formas de se aproximar das narrativas sobre as histórias de vida dos participantes, com destaque para a sua relação com a cidade e seus diferentes territórios.

As atividades são recursos “tradicionais” de trabalho na terapia ocupacional e são entendidas como processos inseridos na história e na cultura dos sujeitos e coletivos (Lopes et al, 2011) o que as torna um meio efetivo de apreensão do universo buscado pelas pesquisas qualitativas.

Entende-se que as atividades – no caso da pesquisa, as fotografias – são uma manifestação cultural, uma práxis social e política e que, a partir deste entendimento, existe “a possibilidade de elas serem olhadas “como narrativas humanas” (Galheigo, 2009, p. 10), e, portanto, colaborando para a compreensão da experiência de cada sujeito em sua realidade. Com as jovens, a utilização das fotografias buscou “ouvir as histórias que têm para contar pela sua própria voz” e, ainda, se mostrou uma “forma privilegiada de entrar nas suas vidas, de compreender as experiências vividas e realidades subjetivas” (Ferreira, 2017, p. 21).

As atividades, instrumentos de trabalho e de análise do terapeuta ocupacional, podem ser utilizadas como instrumentos de pesquisa, uma vez que este profissional já domina sua utilização, em diversos aspectos, ou seja:

oferecem de forma enriquecedora técnicas para construção da relação com possíveis sujeitos e coletivos, possibilitam uma gama de distintas expressões, aplicabilidades e materialidades que podem ser utilizadas como estratégias metodológicas, registros e fonte de dados, além de permitirem maior aproximação do pesquisador com seus instrumentos de trabalho e de análise (Silva, 2013, p. 463).

Entende-se que os recursos de arte e cultura com os jovens possibilitam uma aproximação e uma nova forma de comunicação para falar sobre questões nem sempre fáceis de serem colocadas em palavras (Gonçalves, 2016). Pela mediação das fotografias, foi possível compreender as relações das jovens participantes com seu território e como elas se sentem pertencentes a ele, um espaço onde podem agir e se expressar livremente, sem receio de julgamentos ou olhares preconceituosos. Além disso, percebeu-se que elas têm uma boa relação com a cidade e conseguem circular pelos diferentes territórios, apesar de algumas limitações referentes à mobilidade urbana, como problemas com o transporte público,

questões financeiras e preconceitos devido ao estigma de serem jovens moradoras de periferia, o que converge com outras pesquisas já realizadas sobre o tema (Gonçalves & Malfitano, 2021).

O fotovoz também trouxe à tona reflexões das jovens a respeito da organização política e desigualdades socioterritoriais que existem na produção do espaço urbano (Rolnik, 1995). Elas registraram e falaram do descaso das autoridades com relação ao transporte público, à gestão de obras públicas, à omissão e cuidado ambiental no território em que vivem.

O vínculo formado com as jovens foi se fortalecendo ao longo do processo de construção da pesquisa, mediado pela fotografia. Como relatado, o processo de captação dos jovens para participação não foi fácil, e nos primeiros encontros as jovens não estavam ainda abertas a compartilharem detalhes de seus cotidianos. Aos poucos, o vínculo foi sendo construído e fortalecido, sendo que as jovens puderam compartilhar inclusive situações mais delicadas, como aquelas relacionadas à violência que elas vivem no território e que afetam suas atividades. Apesar de na fala elas relatarem “já estarem acostumadas”, seus corpos expressam o medo e o receio de andar nas ruas, assim como o receio pelos colegas que conhecem que fazem parte do tráfico de drogas.

Portanto, defende-se a utilização das atividades artísticas e culturais por terapeutas ocupacionais em ações que busquem conhecer a vida cotidiana de sujeitos e grupos com os quais se trabalha. Em se tratando de pesquisa que também desempenha uma intervenção, a participação ativa nas atividades artísticas e culturais possibilitou formas de significação e experimentação que repercutiram nos modos de vida cotidiano, mesmo que em uma esfera microssocial e pontual (Gonçalves, Bezerra Neto & Malfitano, 2020), tema discutido no tópico a seguir.

### ***Atividades artísticas e culturais para transformar o cotidiano***

Segundo Liberman (2002, p. 42), “as artes proporcionam ao sujeito produções passíveis de alguma visibilidade; produções que, quando destacadas como objetos de reflexão, podem constituir elemento de construção, articulação e transformação do cotidiano”. Neste sentido, as reflexões da pesquisa realizada apontam para possibilidades das atividades artísticas e culturais na transformação do cotidiano das jovens participantes.

Borelli & Oliveira (2010) destacam a relevância de estudos sobre as práticas culturais juvenis, especialmente em pesquisas com jovens moradores de periferias e bairros pobres, uma vez que as ações culturais são “importantes para as práticas políticas e construção da cidadania juvenil” (p.58). Segundo Takeiti & Vicentin (2016), as atividades de arte e cultura nas periferias e favelas dos grandes centros urbanos são manifestações estético-político-culturais que oferecem novas maneiras de lidar com as dificuldades cotidianas da vida naqueles territórios, e funcionam como ferramentas de expressão e organização coletiva. Os *slams* e as batalhas de rimas citadas pelas jovens participantes da pesquisa são um exemplo de uma prática local em que os jovens ressignificaram uma praça, antes dita como “morta”. Tal exemplo aponta uma apropriação dos espaços públicos pelos jovens, que é “fundamental para suas vivências, para sua sociabilidade, expressão e participação” (Abramo, 2005, p.31). Nesta mesma pesquisa, foi possível observar como o estigma por serem jovens periféricas as fez passar por constrangimentos em alguns espaços da cidade, como o shopping center, o que já é evidenciado na

literatura (Gonçalves & Malfitano, 2020). No entanto, foi através da arte e da cultura que elas encontraram uma forma de ocuparem alguns espaços, ressignificando-os.

Podemos olhar para as práticas de arte e cultura com os jovens a partir de alguns paradigmas: primeiro, como elemento que agrega, que constrói subjetividades e coletivas entre eles, ampliando suas redes de sociabilidade (Vieira Filho, Gonçalves & Takeiti, 2020). Um segundo olhar possível é entender a arte e cultura como instrumento de exercício de participação social e construção de cidadania. Neste sentido, podemos nos referir aqui aos jovens não apenas como consumidores, mas como protagonistas e produtores de cultura (Silva et al., 2016). As ações culturais têm sido uma estratégia para o desenvolvimento econômico e social, sendo inclusive previstas na Política Nacional da Juventude (Novaes, Cara & Papa, 2006), que reforça o direito às formações educacional e cultural para os jovens.

Durante a pesquisa foi possível perceber a importância de um dispositivo como o CRJ nestes dois aspectos.

No CRJ, diversas são as oficinas que utilizam as atividades artísticas e culturais. As participantes da pesquisa mostraram uma forte relação com o serviço que, segundo elas, “tem proporcionado novas experiências e oportunidades, onde gostam de estar com seus amigos e que foram acolhidas como realmente são”. Foi lá que elas conheceram a poesia, o *slam*, começaram a participar do grupo que ocupa as praças e quadras públicas para seus encontros. Através das oficinas do CRJ também, em especial as realizadas para essa pesquisa, elas puderam conhecer a fotografia.

As participantes da pesquisa, jovens pretas e pardas, moradoras de um bairro periférico e estigmatizado, foram as artistas de uma exposição em um museu. O festival, produzido pelo CRJ, com a exposição que foi o produto da pesquisa, desempenha aqui um papel de modificação do status quo das jovens periféricas. Para Cassab et al. (2008), estas ações e práticas artísticas e culturais dos jovens de territórios marginalizados afirmam uma contracultura na compreensão juvenil, pois novas identidades são construídas na medida em que um outro modo de ser jovem nas periferias passa a ser visto e reconhecido pela sociedade que tanto os estigmatiza. É na cultura e em todas as dimensões que a envolvem que se dá de forma evidente a manifestação da consciência social. Para os jovens, eles passam a ser também artistas, reconhecidos como tal, produtores de arte e cultura e veem inclusive a possibilidade de profissionalização neste campo dentro de uma lógica de trabalho (Silva et al., 2016). Ao mesmo tempo, para o público da exposição, é possível desconstruir o estigma construído socialmente da juventude periférica como violenta ou criminoso (Misse, 2010), trazendo à tona seus olhares para o mundo, os desejos, os sonhos e as possibilidades.

Apesar de se tratar de uma ação pontual e local, acredita-se que é através de modificações na esfera microsocial, nos cotidianos dos sujeitos e grupos com os quais trabalhamos que pode-se almejar, aos poucos, mudanças na esfera maiores da vida social, em busca de uma terapia ocupacional que desenvolva práticas críticas, éticas, reflexivas e transformadoras.

## **Conclusão**

A pesquisa apontou a potencialidade das atividades artísticas e culturais para a produção de dados em estudos qualitativos na terapia ocupacional, que buscam uma apreensão do cotidiano. Para além da

produção de dados, a utilização dessas atividades promoveu uma pesquisa-ação pautada em um compromisso ético e político com os sujeitos participantes e a sociedade.

Conclui-se que serviços de assistência e cuidado territorial voltados para a juventude são necessários para que os jovens se sintam ouvidos, acolhidos e reconheçam os seus direitos como cidadãos, e, neste caminho, as atividades são mediadoras das relações, promotoras de vínculos e de novas subjetividades. Através das expressões mediadas pela arte e pela cultura, são criadas novas formas de estar e viver no território.

## Referências

- Abramo, H. W. (2005). "Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo." In: Retratos Da Juventude Brasileira: Análises de Uma Pesquisa Nacional, eds. Helena Wendel Abramo e Pedro Paulo Martoni Branco. Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania.
- Alves, H. C., Oliveira, N. P. & Chaves, A. D. (2016). "A Gente Quer Mostrar Nossa Cara, Mano: Hip Hop Na Construção de Identidade, Conscientização e Participação Social de Jovens Em Situação de Vulnerabilidade Social." *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar* 24(1): 39–52.  
<http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/0104-4931.ctoAO0637>.
- Borelli, S. H. S. & Oliveira, R. C. A. (2010). "Jovens Urbanos, Cultura e Novas Práticas Políticas: Acontecimentos Estético-Culturais e Produção Acadêmica Brasileira (1960-2000)." *Utopía y Praxis Latinoamericana* 15(50): 57–69.  
[https://www.researchgate.net/profile/Silvia\\_Borelli2/publication/50285309\\_Jovens\\_urbanos\\_cultura\\_e\\_novas\\_praticas\\_politicas\\_acontecimentos\\_estetico-culturais\\_e\\_producao\\_academica\\_brasileira\\_1960-2000/links/56aa601708aed814bde69975/Jovens-urbanos-cultura-e](https://www.researchgate.net/profile/Silvia_Borelli2/publication/50285309_Jovens_urbanos_cultura_e_novas_praticas_politicas_acontecimentos_estetico-culturais_e_producao_academica_brasileira_1960-2000/links/56aa601708aed814bde69975/Jovens-urbanos-cultura-e) (August 2, 2017).
- Bourdieu, P. (1990). *Photography: A Middle-Brow Art*. Cambridge: Polity Press.  
[https://monoskop.org/images/0/03/Bourdieu\\_Pierre\\_Photography\\_A\\_Middle-brow\\_Art.pdf](https://monoskop.org/images/0/03/Bourdieu_Pierre_Photography_A_Middle-brow_Art.pdf).
- Bourdieu, P. & Wacquant, L. J. D. (1992). *An Invitation to Reflexive Sociology*. Chicago: University of Chicago Press.
- Brandão, C. R. & Borges, M. C. (2007). "A Pesquisa Participante: Um Momento Da Educação Popular." *Rev Ed Popular* : 51–62. <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19988/10662> (June 8, 2022).
- Cassab, M. A. T. et al. (2008). "De Revolucionários a Violentos: A Questão Da Ação Política Da Juventude Na Literatura." II Encontro Regional de Pesquisadores em Serviço Social da ABEPSS-leste/II Semana Acadêmica do Curso de Serviço Social da FSS/UFJF.
- D'Alva, R. E. (2014). *Teatro Hip-Hop: A Performance Poética Do Ator-MC*. São Paulo: Perspectiva.
- Ferreira, V. S. (2017). "Caminhos e Desafios Metodológicos Na Pesquisa Com Jovens." In.: *Pesquisar Jovens. Caminhos e Desafios Metodológicos*, ed. Antonio Carlos Ferreira Vianna. Lisboa: ICS. *Imprensa de Ciências Sociais*, 17–32.

Freire, P. (1987). *Pedagogia Do Oprimido*. 17a. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

[http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo\\_freire\\_pedagogia\\_do\\_oprimido.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_pedagogia_do_oprimido.pdf) (June 27, 2019).

Galheigo, S. M. (2009). "Narrativas Contemporâneas: Significado, Diversidade e Contexto." *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo* 20(1): 8–12.

<http://www.revistas.usp.br/rto/article/viewFile/14050/15868> (July 18, 2017).

Galvani, D. et al. (2016). "Exercícios Etnográficos Como Atividades Em Espaço Público: Terapia Ocupacional Social No Fazer Da Arte, Da Cultura e Da Política." *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar* 24(4): 859–68. <http://dx.doi.org/10.4322/0104-4931.ctoARF1004> (January 29, 2018).

Gonçalves, M. V. (2016). "'Eu Nem Sabia Que Podia Entrar Aqui': Promoção de Cidadania Cultural Como Experiência de Ressignificação de Identidade de Jovens Em Conflito Com a Lei." *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar* 24(1): 127–37. <http://dx.doi.org/10.4322/0104-4931.ctoRE0664> (July 18, 2017).

Gonçalves, M. V., Bezerra Neto, L. R. & Malfitano, A. P. S. (2020). "O Cotidiano Revelado Por Imagens Da Cidade." *Interface - Comunicação, Saúde, Educação* 24: 1–14.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832020000100803&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832020000100803&tlng=pt).

Gonçalves, M. V. & Malfitano, A. P. S. (2020). "Brazilian Youth Experiencing Poverty: Everyday Life in the Favela." *Journal of Occupational Science* 27(3): 311–26.

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14427591.2020.1757495>.

———. (2021). "Social Occupational Therapy, Impoverished Youth, and Everyday Urban Mobility." *South African Journal of Occupational Therapy* 51(3): 32–40.

[https://scielo.org.za/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2310-38332021000400005](https://scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2310-38332021000400005)

Governo do Estado do Espírito Santo. 2022. *Metodologia Dos Centros de Referência Das Juventudes Do Governo Do Estado Do Espírito Santo*. Vitória, ES: Banco Interamericano de Desenvolvimento. <https://juventudes.es.gov.br/conheca-crj>.

Hartman, L. R. et al. (2011). "How Do We 'See' Occupations? An Examination of Visual Research Methodologies in the Study of Human Occupation." *Journal of Occupational Science* 18(4): 292–305.

<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14427591.2011.610776> (June 11, 2019).

Inforsato, E. A. (2019). "Arte, Saúde e Cultura Na Formação Em Terapia Ocupacional: Atividades, Corpo e Produção de Subjetividade Na Experiência Do PACTO." In *Atividades Humanas e Terapia Ocupacional: Saber-Fazer, Cultural, Política e Outras Resistências*, ed. Carla Regina Silva. São Paulo, São Carlos: Hucitec, AHTO, 131–56.

Lieberman, F. (2002). "Trabalho Corporal, Música, Teatro e Dança Em Terapia Ocupacional : Clínica e Formação." *Cadernos - Terapia Ocupacional: Produção de conhecimento e responsabilidade social* 8(n.3): 39–43. <https://conectato.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/04/artigo-3.pdf>

- Lopes, R. E. et al. (2011). "Oficinas de Atividades Com Jovens Da Escola Pública: Tecnologias Sociais Entre Educação e Terapia Ocupacional." *Interface - Comunicação, Saúde, Educação* 15(36): 277–88. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832011000100021&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832011000100021&lng=pt&tlng=pt).
- Lopes, R. E. et al. (2014). "Recursos e Tecnologias Em Terapia Ocupacional Social: Ações Com Jovens Pobres Na Cidade." *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar* 22(3): 591–602. <http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/cto.2014.081>.
- Misse, M. (2010). "Crime, Sujeito e Sujeição Criminal: Aspectos de Uma Contribuição Analítica Sobre a Categoria "bandido."" *Lua Nova* (79): 15–38. <http://www.scielo.br/pdf/ln/n79/a03n79.pdf> (October 8, 2019).
- Novaes, R. C. R., Cara, D. T. & Papa, F. C. (2006). *Política Nacional Da Juventude: Diretrizes e Perspectivas*. São Paulo: Conselho Nacional da Juventude, Fundação Friedrich Ebert. <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/51>.
- Rolnik, R. (1995). *O Que é Cidade*. São Paulo: Brasiliense.
- Silva, C. R. (2013). "As Atividades Como Recurso Para a Pesquisa." *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar* 21(3): 461–70. <http://dx.doi.org/10.4322/cto.2013.048> (September 20, 2017).
- Silva C. R. et al. (2016). "Juventude, Cultura e Profissionalização Da Criatividade." *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar* 24(1): 13–24. <http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/0104-4931.ctoAO0680>.
- Silva, V. P. & Barros, D. D. (2010). "Método História Oral de Vida: Contribuições Para a Pesquisa Qualitativa Em Terapia Ocupacional." *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo* 21(1): 68–73. <http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/14087/15905>.
- Siqueira, M. P. S. (2001). *Industrialização e Empobrecimento Urbano: O Caso Da Grande Vitória 1950-1980*. Vitória: EDUFES.
- Sposito, M. P. (2009). "A Pesquisa Sobre Jovens Na Pós-Graduação: Um Balanço Da Produção Discente Em Educação, Serviço Social e Ciências Sociais (1999-2006)." In *Estado Da Arte Sobre Juventude Na Pós-Graduação Brasileira : Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)*. Volume 1, ed. Marília Pontes Sposito. Belo Horizonte: Argvmentvm, 17–56. <http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/EstadoArte-Vol-1-LivroVirtual.pdf>.
- Sposito, M. P. & Tarábola, F. S. (2017). "Entre Luzes e Sombras: O Passado Imediato e o Futuro Possível Da Pesquisa Em Juventude No Brasil." *Revista Brasileira de Educação* 22(71): 1–18. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782017000400201&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782017000400201&lng=pt&tlng=pt) (January 11, 2019).
- Takeiti, B. A. & Gonçalves, M. V. (2021). *Juventude(s) e Arte-Cultura No Complexo Do Alemão: Narrativas de Uma Experiência Em Extensão*. 1st ed. Curitiba: Brazil Publishing. <https://aeditora.com.br/produto/juventudes-a-arte-cultura-no-complexo-do-alemao/>.

Takeiti, B. A. & Vicentin, M. C. G. (2016). "Jovens (En)Cena: Arte, Cultura e Território." Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar 24(1): 25–37. <http://dx.doi.org/10.4322/0104-4931.ctoAO0667>.

Vieira Filho, P. R. S., Gonçalves, M. V. & Takeiti, B. A. (2020). "Os Significados e Experiências Do 'Projeto Juventude(S)'/The Experiences and Meanings of the 'Project Juventude(S).'" Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional - REVISBRATO 4(2): 137–43.

[https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/31030/pdf\\_1](https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/31030/pdf_1).

**Agradecimentos:** Centro de Referência das Juventudes de São Pedro (Vitória - ES). Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES).

**Contribuição dos autores:** D. R. B.: Realização da pesquisa, concepção, formatação e escrita do artigo. C. M. V. G.: Concepção e orientação da pesquisa, concepção e escrita do artigo e revisão do texto. D. E. R. G. A.: Orientação da pesquisa e da elaboração do artigo e revisão do texto. G. B.: Orientação da pesquisa e da elaboração do artigo e revisão do texto.

**Fonte de financiamento:** Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES) - edital 14/2022 - Termo de Outorga nº 963/2022.

**Recebido em:** 10/06/2024

**Aceito em:** 16/08/2024

**Publicado em:** 12/03/2025

**Editor(a):** Maria Natália Santos Calheiros